32

O EXCLUSO

Primeiro Ato

Cena I

(EU caminho pelo palco à procura. MENO surge de trás da bilheteria com um corte de fazenda na mão)

MENO - Que tal um vestido para vossa mulher, cavalheiro?

EU - Eu não tenho mulher. Estou procurando trabalho.

MENO - Essa é boa, meu cavalheiro... E eu justamente estou procurando um novo ajudante. O último fugiu com a caixa!

EU - Eu gostaria de experimentar...

MENO - O quê? Fugir com a caixa, ha ha?

EU - Não trabalhar aqui.

MENO - Pode ser...

EU - Gostaria muito...

MENO - Experiência você tem?

EU - Não, mas eu tenho certeza que eu posso...

MENO - (Corta) Eu adoro gente jovem com ambição. É sempre bom para o negócio, desde que não ambicionem fugir com a caixa, ha ha!

EU - O senhor pode confiar em mim.

MENO - E que garantias você me dá?

EU - Garantias? Meu trabalho será a melhor garantia.

MENO - E como é que você vai provar isto, meu rapaz? Eu digo: sem garantia não há trabalho. Você diz: sem trabalho não há garantia. Como é que vamos nos ajeitar? Eu já tenho bastante experiência, conte-a você sobre o anterior que fugiu com a caixa? Eu preferia que ele fugisse com a minha mulher, mas ele não quis se arriscar, ha, ha!

EU - Deixe-me provar.

MENO - Fugir com minha mulher? Não vale a pena, eu afirmo a você.

S.B.A.T.

EU - Não, eu não me referi a isso... estou interessado só em trabalho. Eu lhe provarei!

MENO - Você tem muita confiança em si.

EU - Eu...

MENO - Você não é estrangeiro, por acaso?

EU - Eu? Por quê. Eu nasci aqui.

MENO - E onde mora sua família?

EU - Eu... eu não tenho família... Fui criado num orfanato.

MENO - E onde é que você mora? Você deve morar em algum lugar!

EU - Abandonei hoje a Casa... estou procurando um quarto mas antes eu preciso de trabalho.

MENO - Você não vai ganhar muito aqui...

EU - Não importa.

MENO - 300?

EU - Basta.

MENO - Mas se você provar que é mesmo bom no trabalho, eu aumento um pouco.

EU - Muito obrigado. Quando é que eu posso começar?

MENO - Amanhã às 5. Enquanto isso procure um quarto.

Eu - Obrigado. Virei amanhã.

(Começo a distanciar-me)

MENO - Ei! Um momento, ainda nem sei o seu nome, meu nome é Meno.

EU - Meu nome é Eee...

(Subitamente começo a gaguejar, sem poder ultrapassar a letra e. Permaneço assim, de boca aberta, músculos faciais contorcidos até não poder mais suportar o olhar curioso de Meno. Silêncio.)

MENO - Você está se sentindo mal?

EU - (Apressadamente e com esforço.) Meu nome é Eeeu!

MENO - Que foi que houve?

EU - Meu nome é Eu!

MENO - Por que é que foi tão difícil pronunciar seu nome?

EU - Eu estava nervoso... desculpe... isso não...

MENO - Estranho... nunca vi uma coisa dessas...

EU - Não se aconteceu nunca! Nunca! Estou muito tenso... procurei trabalho... todo o dia... Isso não se aconteceu nunca!

MENO - Nunca?

EU - Não! Nervosismo, sim, é só nervosismo! Então amanhã às 8!

(Tento distanciar-me.)

MENO - Ei! E se essa coisa acontecer novamente?

EU - Quê? Ah, essa? Não, não acontecerá eu lhe afirmo!

MENO - Espere um instante. Você parece um bom rapaz, mas e se isso acontecer novamente? Aqui você tem que falar com gente, freguesas - você está ouvindo? Mulheres!

EU - Isto não acontecerá novamente, eu lhe prometo!

(Meno, olha-me, silenciosamente, por longo tempo.)

MENO - Está bem, vamos experimentar. A vida num asilo não deve ser fácil... amanhã, às 8 em ponto esteja aqui.

EU - Até amanhã, senhor Meno.

MENO - Vá com Deus, Eu!

(Eu desapareço. Meno - penso - ainda se ocupa com a fazenda por algum tempo. Imita o meu gaguejo e ri. Escurição.)

CENA II

(No quarto. Eu e Dona Zina, a dona da casa.)

ZINA - ... 50 por mês e mais um vintém menos. Comigo os preços são fixos, mas adiante tentar. Este é o quarto, cama com colchão duro, é bom para a espinha, mesa, cadeira, guarda-roupa, eu acho que é bastante para o senhor. Sim, o banheiro é no corredor.

EU - (Andando pelo quarto.) Quarto... só meu... Eu alugo.

ZINA - (Estende a mão) Pagamento antecipado.

EU - Oh! eu não tenho dinheiro agora... Amanhã eu conseguirei, eu lhe prometo!

ZINA - Como?

EU - Amanhã eu começo a trabalhar e o patrão me adiantará...

ZINA - Sinto muito : mas se não há dinheiro, não há quarto. Arranje dinheiro e o quarto é seu. Volte amanhã.

EU - Mas...

ZINA - Sem nenhum mas.

(Ela anda em direção à porta.
Eu miro o quarto com amor.)

EU - Minha senhora, eu... eu não tenho para onde ir. E o quarto é tão bonito!...

ZINA - (algo em minha súplica a faz parar.) Não tem para onde ir ? Família, amigos?

EU - Não. Eu...

ZINA - Você é estrangeiro?

EU - Não! Eu não sou estrangeiro! Só que eu... eu fui criado num asilo... asilo para órfãos.

ZINA - E então?

EU - Hoje eu abandonei... Encontrei já trabalho, o senhor Meno, dono da loja - a senhora sabe? - ele me conhece.

ZINA - Um dos regulamentos da casa, meu senhor, é que não posso receber ninguém sem recomendação. Pensei que o senhor soubesse, é costume em todo lugar. Sinto muito.

EU - Eu lhe darei a recomendação, amanhã! Depois de meu primeiro dia na loja. Eu preciso começar de algum canto!

(Silêncio. Por longo tempo ela me observa.)

ZINA - Onde estão suas malas?

EU - Na estação, tenho só uma.

ZINA - Agradeça ao bom-humor que eu tenho hoje. O senhor pode ficar. Mas com a condição que amanhã, sem falta, me trará o aluguel e a carta de recomendação. Batida a máquina!

EU - Eu lhe agradeço muito, senhora, muito!

ZINA - Café-da-manhã às 7, na sala de jantar, com todos meus hóspedes. Eu não os chamo de pensionistas, eles são meus hóspedes. Água quente toda quinta-feira e lembre-se: Proibido introduzir aqui cães,

pássaros e, é lógico... mulheres! Minha casa é respeitada, todos meus hóspedes são homens sérios, funcionários, professores, universitários, todos Homens de Cultura, fique sabendo. E somente Homens, eles causam menos problemas; Sim, quase esqueci: proibido fazer festas no quarto. Regulamento!

EU - Eu sou muito modesto, creia-me, senhora.

ZINA - (Que se aproxima da porta.) Zina, dona Zina, senhor...

(Quando abro minha boca para pronunciar meu nome, sou atacado por terror. Não ousa.)

senhor?...

EU - Sim... meu nome, dona Zina... meu nome... eu devo... lógico, eu devo, eu, eu, Eu...

ZINA - Sim...

EU - ...Eu!

ZINA - Eu?

EU - Sim!

ZINA - Eu? Nome estranho o senhor tem, Eu! (Ri.)

EU - (Acompanhando-a em seu riso.) A culpa é de meus pais.

ZINA - De onde vieram seus pais, senhor Eu?

EU - De onde? De lugar nenhum! Nasceram aqui, como todos! Eles... eles morreram, depois que nasci, eu... em um acidente, acidente de carro.

(As últimas revelações pareceram abrandá-la porque, pouco a pouco, ela se aproxima de mim, acaricia meus cabelos com piedade exaperada.)

ZINA - Oh, eu sinto muito... Eu não deveria ter perguntado, você tem olhos tão tristes, eu devia ter advinhado...

EU - Não faz mal.

ZINA - Você é um rapaz simpático. Eu aprecio rapazes jovens, todos meus hóspedes são jovens...

EU - Tudo que eu desejo é começar a viver aqui, entrosar-me...

ZINA - (Não abraço pouco maternal.) Eu tenho certeza que você conseguirá. Estou alegre que você veio morar aqui, poderei...

(A voz de um jovem a interrompe.)

ADO - ZINA, ONDE ESTÁS, MEU GATO ANGORÁ?

(Ela separa-se de nós, apressadamente, enquanto Ado entra no quarto.)

ADO - Ahn, novo hóspede, Zininha?

ZINA - Agorinha mesmo aluguei o quarto para este senhor. Senhor Eu, tenho o prazer de lhe apresentar: Ado, um de meus hóspedes, funcionário...

ADO - ... Alto funcionário da Alfândega, muito prazer. Então, o senhor veio morar - desculpe-me! - hospedar-se aqui? Seja bem-vindo. Meu nome, como Zinotchka disse, (Aproxima-se bastante dela até fazê-la ronronar de prazer.), é Ado. Sim, Ado, não estranhe. Ado por dois motivos: os meus pais quiseram me chamar Eduardo, mas o escrivão era tão analfabeto quanto eles, ficou Adoardo, imagine! e daí: e o principal - eu vivo, misteriosamente, a d o rmecido. Basta-me deitar, sentar, mesmo de pé basta-me pensar em alguma coisa para adormecer. Um médico já me revelou que o sono é meu estado natural e aceitei meu cruel destino. Príncipe do Sono ou como Zinotchka me chama: O Belo ADOrmecido. E como ela sabe explorar este meu destino...

ZINA- Oh, Ado, que é que ele vai pensar de nós?

ADO - Maravilhas ele pensará de você se trouxer dois copos e uma garrafa de conhaque.

ZINA - Mas você acabou com a última garrafa que eu tinha, Ado! Ontem!

ADO - Anteontem , meu angorá peludo, o anteontem porque ontem foi hoje de manhã antes de eu adormecer - lembra-se?

(Para nós) Não se impressione, eu conto os dias de uma forma mais original, ou dirfamos - adormecia! entre um sono e outro ... meu! E como adormeço algumas vezes por dia, acontece que o tempo , para nós passa mais depressa. Assim bani a monotonia. E consegui algo extraordinário: em uma semana, que dizer, amanhã, completarei 72 anos de vida. Sim, senhor, você está vendo um homem de quase 72 anos, em plena força! Nada mal!

ZINA - (Acariciando-o.) Quem pode entender um louco como você?

Ado - Só você, minha Zininha gorducha. Onde está a garrafa?

ZINA - Eu já lhe falei que...

ADO - Nando a empregada comprar outra, faça alguma coisa!

ZINA - Eu a despedi hoje depois que ela me confessou que passou a noite no quarto 7!

ADO - Com Mário?

ZINA - (soluçando) Com Mário, meu Mário!

ADO - Ahan, então você é agora a única fêmea na casa...

ZINA - Ado!

ADO - Nous parabéns, Zinzoca, precisamos comemorar! Vamos fazer uma divisão justa de trabalho: você vai logo comprar uma garrafinha de conhaque na venda e eu me esforçarei para agradar o novo hóspede. Tá?

ZINA - (Ronronando.) Adinho-nho-nho-nho.

ADO - Zinzunhinha-nha-nha, vá!

ZINA - (A sim.) E lembre-se: amanhã eu quero receber...

EU - Sim, senhora aluguel e recomendação.

ZINA - E não se esqueça: não cães, não gatos e...

ADO - e Não mulheres, isto é o principal.

ZINA - (Abraçando-os.) Seja benvindo à minha casa. Eu espero que se sinta bem, como todos meus hóspedes.

ADO - Todos, sem exceção.

ZINA - Meu pobre órfão.

EU - (Tentando desvencilhar-se dela.) Sim senhora.

ZINA - E se precisar de alguma coisa, não se envergonhe, é só me chamar. E é bom que vá apanhar a mala antes que fechem a estação. Você durme aqui esta noite.

ADO - Coitado...

ZINA - E pensar que eu quase lhe botei para fora. Não precisa trazer lençóis.

ADO - Ela fornece lençóis para todos os hóspedes.

ZINA - Meu pobre órfão...

ADO - ZINA! ESTOU MORTO DE SEDE! E seu pobre órfão também!

ZINA - Vou indo, vou indo, como é difícil esta vida, meu Deus!

(Sai. Ado deita-se em minha cama e ri, ri.)

ADO - Você caiu em boas mãos mas vou lhe dar um conselho da voz da experiência: tranque a porta, à noite, se você quiser dormir. Madame Zina é sonâmbula. Ela ronda pela casa, às noites, lençol limpo dependurado nos braços esticados e entra, inocentemente, nas camas de hóspedes jovens, órfãos ou não, que esqueceram de trancar a porta. Minha sorte é que não sei o que fazem de mim quando estou dormindo.

EU - Estranho...

ADO - (Boceja.) Que foi que aconteceu hoje? Dia tão comprido...

EU - Perdão, não entendi.

ADO - Você é um sujeito muito quieto...

EU - Eu?

ADO - Sim. Dificilmente soltou uma palavra. Assim não é bom, meu caro. Nada bom. É preciso falar, falar. A vida é uma tagarelice sem fim. (Bocejando.) Tagarelice e bocejice, não há jeito. Qual é mesmo seu nome? Esqueci...

EU - Meu nome? Meu nome... Eee...

(E novamente eu tenho e nada consigo. Não posso parar de articular a primeira letra, não consigo vencê-la. Aterrorizado, olho para Ado que neste momento adormeceu, sobre minha cama, murmurando palavras ininteligíveis. Pouco a pouco volta a mim a segurança, caqueço-o, passeio pelo quarto, feliz feliz.)

Trabalho, amigo, quarto, tudo num só dia... Obrigado...

(Escuridão)

C E N A III

(Num jardim público: árvore, banco, sobre ele sentado o Velho, seu olhar parado. A luz do dia ainda é forte mas no decorrer da cena diminuirá progressivamente. Eu atravesso o jardim, mala na mão, passo ao lado do velho, continuo. De repente, paro, estremeço, volto e ponho-me à sua frente. Ele me olhará por muito tempo, sem se mover.)

EU - Eu estou lhe reconhecendo... Você é quem estava sempre do outro lado da cerca, seguindo todos os meus passos no pátio... Durante anos, todos os meus passos... Você! Quando eu ia dormir,

eu tinha a impressão de que você ficava lá, atrás da cerca, olhando para as janelas procurando-me...
E agora eu cresci e abandonei hoje o Asilo. O Lar. Como eles chamam... E agora você pode me dizer: Que é que procurava em mim?

(Pausa. O velho continua imóvel.)

Por que é que você não me responde? Nós estamos agora frente a frente, sem a cerca entre nós. Eu já não tenho mais medo. Você passou meus sonhos de rapaz, não pude deitar com a mulher nua, como todos, porque você sempre aparecia... Você e a cerca me olhando...

(Pausa.)

F A L A ! ! !

(Pausa.)

Será possível que é isto tudo? Que tudo que você queria me contar é que nada há para contar? Será possível que todo o meu medo foi em vão? Você não tem o que me contar?

(O velho ri um curto riso velhaco. Ele é muito velho, talvez esteja caducando. Tira de um bolso, papel e fumo, lentamente enrola dois cigarros, a mim dá um. Hesito. Ele põe os dois cigarros na boca e acende-os. Passa-me um. Sento-me a seu lado, fumamos.)

EU - (Com voz calma) Eu menti. Parei de ter medo há muito tempo. Pelo contrário. Comecei a imaginar que você queria me revelar algo... algo sobre meus pais que não conheci, sobre meu passado, - que morreram num desastre - como me contaram, lá... Pensei que um dia sairia de lá e o encontraria,.. como agora...

(Pausa.)

Você sabe algo sobre eles? Sobre meus pais? Eles não sabiam...ou sabiam e não queriam me contar... Mas você sabe! Conte-me!

(Pausa.)

Não? Você também não quer me contar? Eu... eu peço, eu suplico!

(Pausa)

Por que é que você me escolheu, entre todas as crianças de lá ? Que é que eu lembro-lhe?

(Pausa.)

Estranho, você nada mudou durante todos esses anos. Um velho desde que eu vi pela primeira vez. Eu tinha cinco...

(O velho move a cabeça como a dizer não.)

Tem razão. Seis? Sete? Eu nada mudei, todo o mundo mudou... Só você não. Por quê?

(Pausa)

Amanhã eu começo a trabalhar, às 8. Nada importante mas é sempre um começo. E tenho um quarto só para mim. Trancarei a porta e o mundo desaparecerá. Só eu existirei! Todas as 50 crianças desapareceram, morreram, ou estou sozinho contigo mesmo. Não ouvir mais os berros, as brigas, os sonhos sensuais de todos ao mesmo tempo, todos possuindo a mesma mulher eterna e obrigando-me a participar... E agora, eu ouvirei só a mim mesmo!

(Pausa.)

Só uma coisa me falta...

(Pausa.)

Alguma coisa notícia sobre eles. Qualquer. Se pelo menos alguém me contasse que minha mãe era loura e que meu pai era alto, qualquer coisa... Como morreram? Por que morreram? Lá nada me contaram e hoje eu os abandonei. E na rua, todos falam, falam, como se fosse proibido calar. Proibido calar... Só você silencia, o único!...

(Pausa.)

Estou ouvindo agora um murmúrio de vozes. Eles estão em toda parte e falam, falam... Quem sabe? Talvez por causa deste meu silêncio, eu posso ouvi-los?

(Pausa. Levanta-se.)

Por que estou sentado aqui? Eu tenho um quarto, meu! Uma noite eu fugi do dormitório. Fugi para o pátio, queria saber se você ficava realmente, de noite lá. Escondi-me atrás de uma árvore e procurei... Esqueci, porém... De repente senti o silêncio em volta. As crianças gritavam no sono e eu os odiava. Gritavam de prazer tentando esquecer que eram órfãos. De repente senti o silêncio entre as árvores, esqueci que tinha saído para procurar.

Um silêncio... As folhas calaram, os pássaros adormeceram. Ou morreram? Eu... eu ouvi o silêncio... De pé, entre as árvores, de repente senti um calor maravilhoso penetrando em minhas entranhas , como-se-eu- fosse-uma-árvore!
Tive a impressão que minhas pernas penetravam na terra, raízes, minhas, crescian de seus braços, de meu corpo, tudo se alongava em mim e não podia mais andar! E se pudesse - não queria! Eu-era - uma-árvore! Maravilhoso... E consegui esquecer... meus pais... pela primeira vez! As árvores não tem saudades de seus pais e eu era uma árvore, falando a conversa das folhas, um momento... Ou mais?

(Pausa)

De repente uma mão caiu sobre mim. O porteiro me descobriu, começou a falar e eu comecei a odiar novamente.
E a lembrar... Ele falou e falou e falou e eu não o ouvia. Sentia uma cascata de água morna, viscosa, caindo sobre mim. E as árvores se chamando e eu não mais as ouvindo porque ele falava, falava... E então tive o desejo... o desejo de que um dia ninguém mais falasse, um dia-a-reserva-de-palavras-findará!

(O velho ri mudamente.)

Você está rindo de mim! Talvez... Eu acreditei, imaginei que cada pessoa tem um número limitado de palavras para usar toda a vida e é proibido desperdiçar. Talvez a sua reserva, Velho, já tenha terminado? E por causa disto você cala?

(O velho ri, ri. Distancia-se dele.)

Quanta bobagem! Eu falo, você está ouvindo? F A L O! "Ei! Um momento, ainda nem sei o seu nome, meu nome é Nemo." "E o meu, Eu, Eu!"
"... Zina, dona Zina, senhor... ... Eu, dona Zina, simplesmente Eu!"
... A vida é uma tagarelice sem fim, tagarelice e bocejeca, não há jeito. Qual é nosso o seu nome? Esqueci... "Meu nome é Eu, Ado, meu caro amigo, Eu! Eu falo como todos, eu pertenço - você me ouve? Pertenço até aos 50 roncados de antes. E esta noite, se quiser, não trancarei a porta porque Zina, a sonambula, virá com um lençol no braço. Eu pertenço! O ar que eu respiro agora, foi criado especialmente para mim, este banco posto aqui para mim, tudo foi criado para mim porque eu pertenço, eu falo, eu existo!

(E enquanto eu sufoco de excessiva euforia, o velho levanta-se, sempre rindo e começa a dançar uma dança grotesca, suas mãos movem-se com incrível rapidez, abraça a árvore numa imitação disforme de sua forma. Depois, aproxima-se de mim e começa a falar em língua - gem de mudos, com os dedos em velocidade espantosa. Neste momento seu rosto expressará indiferença completa, como se toda sua força estivesse concentrada nas mãos.)

Que? Você não me respondeu... simplesmente... porque você é mudo? Mudo?

(Solta uma gargalhada histérica. Suas mãos movem-se cada vez mais depressa.)

E este é todo o seu segredo? Mudo? Um velho maltrapilho que não tem o que dizer, mudo? E você queria ser árvore, pobre diabo, a três passos da cova e quer ser árvore?

(O velho cansado e desesperado por minha falta de compreensão, diminui o movimento das mãos.)

E a você eu perguntei sobre meus pais... Eu só falo e minha reserva de palavras nunca acabará. Não como você!

(E é neste momento que eu pressinto, na escuridão crescente, o brilho de uma faca em suas mãos, um punhal que se aproxima de mim.)

Que é que você quer? Matar-me? Por quê? Que é que eu faço aqui? Vá! Vá! Eu quero viver, eu preciso começar a trabalhar amanhã, às 8, eu preciso dormir em meu quarto, em minha cama, só minha!

(O velho aproxima-se de mim e eu não posso mover-me. Luz verde cai sobre mim, raízes crescem de minhas pernas, minhas mãos levantam-se como galhos, folhas crescem de mim, eu sou uma árvore.)

Vá-embora-eu-quero-falar-eu-não-sou-árvore...

(Com suas mãos, o velho tampa minha boca. Murmúrio da da última frase ainda é ouvido de minha garganta. Ele aproxima o punhal à minha garganta e fá-lo descer pe

uco a pouco. Meus olhos aterrorizados o seguem , meus gatilhos tentam gritar. Sua mão abandona minha boca mas estou mudo.

Lentamente, caminha o punhal por meu peito, ventre, até que, da escuridão, irrompe uma gargalhada selvagem da mulher? O velho pára, hesita, o punhal cai ao solo, eu fujo.

(Escuridão sobre o jardim.)

CENA IV

(Imediatamente após é acesa a lâmpada de um poste de rua. Nele apoia-se uma mulher jovem, rindo - LILÁ. Precipita-se a ele e abraça-o.)

EU - ... não-sou-árvore...

LILÁ - (Seu riso cresce.) É lógico que você não é árvore. Você é um poste de luz. Conheça seu irmão gêmeo. E eu sou uma borboleta.

EU - ... ele me persegue!

LILÁ - Muito feio de parte dele. (nosso abraço permanece.) Mas eu sinto que você me prefere a ele...

EU - Você me salvou!

LILÁ - Eu?

EU - Ele tinha um punhal na mão e queria... queria... e então você riu e ele hesitou...

LILÁ - Por causa do meu riso? Engraçado. E eu ri porque de repente senti-me uma idiota completa, esperando...

EU - Esperando o quê?

LILÁ - Você.

EU - Eu?

LILÁ - Por que não? Fato é que eu salvei você!

EU - Não entendo.

LILÁ - Eu também não entendo. Vamos começar pelo começo? Eu estava numa festa e meu cavalheiro me trair: não veio. Então alguém me desafiou: eu não teria coragem de sair à rua e encontrar um homem. Saí e esperei muito tempo.

Ninguém veio. Afinal comecei a rir dessa minha situação. E aí você

volo direto para seus braços.

EU - Estranho... E agradável... Já não sei mais quem salvou a quem. Meu nome é... (durante um beijo.) Eu.

LILÁ - E o meu... (Retribuindo.) Lila.

EU - Lila, Lila. Trabalho, quarto, amigo e agora, Lila... Obrigado.

LILÁ - Que foi?

EU - Agradeci a alguém que me inundou hoje de presentes.

LILÁ - E eu sou um deles?

EU - Você é o mais precioso deles. Eu tenho um quarto...

LILÁ - Agradeço a confissão mas você está galopando depressa demais.

EU - Perdão. Onde é a festa?

LILÁ - Aqui. Mas como poderemos ir se você ainda está abraçado a mim?

(Nós rimos por muito tempo enquanto nos damos as mãos e andamos.)

LILÁ - (Acena para a escuridão de onde apareci.) E ele?

EU - Ele? Eq Ele não existe, Ele é um pesadelo.

LILÁ - E você?

EU - Eu? Como posso saber? Vamos!

CENA V

(Acordes de jazz. Um grupo alegre dança e se diverte. Ada com uma jovem - MIRA; Nemo com D. Zina. Nós entramos.)

LILÁ - (Apresentando-me.) Pessoal: Eu! Não, não eu mas ele - Eu! Ganhei a aposta. Que é que vocês acham dele?

NEMO - Bem-vindos sejam! Você venceu, Lila. Darei a você a lua de presente.

LILÁ - Já a tenho.

ZINA - Ele é um encanto, Lila. Só eu não tenho sorte, preciso aguentar este monstro montado em cima de meus calos.

NEMO - (Abraçando a ela e acariciando-a com uma palmada) Que é que eu posso fazer? Eu adoro gado na engorda.

ZINA - Não me insulte, seu elegante caduco!

MENO - Hipopótamo enamorado, vem dançar!

ZINA - Triste sina a minha, dinossauro velhaco, vem!

(todos dançam no barulho geral.)

LILA - Convide-me para uma dança.

EU - Nunca dancei.

LILA - Nunca? Onde você viveu até agora? Na selva?

EU - Sim.

LILA - Vem, Tarzã, receba a primeira lição.

(Abraçando-nos e ela me ensina. Em pouco todos dançamos.)

EU - Você é atraente.

LILA - (Algo de triste em seu olhar.) Só você sabe isto, Eu.

EU - Lila...

LILA - Nome estranho o seu, Eu.

EU - Como o seu, Lila.

LILA - Onde foi que você encontrou este nome?

EU - Eu? Oh, não há nome mais comum que o meu, está na boca de todos, milhares de vezes por dia.

LILA - Eu acho...

EU - Está vendo? Você pronunciou meu nome sem querer.

LILA - Mas eu...

EU - Novamente.

LILA - É verdade mas é estranho virar-se para você e chamar: Eu ! Eu meu eu!

EU - Você está enganada, Lila. Eu sou eu e mais ninguém.

(Nós rimos, felizes, e continuamos a dançar. Nessa conversa se perde no barulho geral. Em pouco, os outros pares abandonam a pista e nós dançamos sozinhos, Meno agrupa a todos e fala algo, olhando todo o tempo para nós. Depois:)

MENO - (A Zina) Eu quero...

ZINA - (A Ado) Eu quero...

ADO - (A Mira) Eu quero...

MIRA - (A Ado) O quê?

ADO - (A ZINA) O quê?

ZINA - (A Ado) O quê?

NENO - (A Zina) Brincar!

ZINA - (A Ado) Brincar!

ADO - (A Nira) Brincar!

NIRA - Brincar? De quê?

ADO - D e e s c o n d e r!

ZINA - D e p a p a i e m a m ã e!

NENO - PRENDA! PRENDA!

(Todos concordam e sentam-se em circulo, entusiasmados. Neno vem a mão.)

Venham! Vamos brincar de Prenda!

LILA - Não, Neno. Nós queremos continuar a dançar.

NENO - (Faz passes com as mãos: a música desaparece.) Ao seu desto elitência?

LILA - Eu cantarei! (Canta) Continuemos a dançar, EU.

EU - Mas por que Lila? Todos nos convidam para brincar, por que não nos juntamos a eles?

LILA - Por favor...

EU - De que é que você tem medo?

NENO - Ele tem razão, de que é que você tem medo? Não engulirmos o seu Eu.

EU - Está vendo? Façamos como todos.

LILA - Eu!

EU - Você me faz rir. Vamos!

(A contragosto ela me acompanha e nós nos sentamos entre todos.)

TODOS - LILA! LILA! LILA!

LILA - Não, eu não quero.

TODOS - LI LA! LI LA! LI LA!

LILA - Desta vez eu quero sentar perto dele...

EU - Você está vendo? Eles a adoram, Lila. Não recuse!

(Lila levanta-se a contragosto. Recebe, de cada um, uma prenda, escondo uma delas na mão, passeia entre os festivos, para frente a Nira e lhe estende a mão fechada.)

LILA - (Cantando.) Que fará o dono desta prenda? Depressa, faça a encomenda.

NIRA - Eu? Oh, ele... flutuará no ar... sim, flutuará no ar e dançará lá uma valsa. Durante... um minuto inteiro!

(Riso geral. Lila descobre a prenda, dirige-se a Ado.)

LILA - Ado, tenho a honra. A prenda é sua. É favor flutuar no ar. e dançar uma valsa por um minuto inteiro.

ADO - (Ri, levanta-se.) Ei hop! (Pula e flutua no ar) Eu estou flutuando, flutuando!

(Nena faz passe mágicos e ouve-se uma valsa.)

Um-dois-três! Um-dois-três! Eu-danço-valsa!

Um-dois-três! Eu-danço-valsa!

(Perde o equilíbrio e cai sobre Nira.)

Ai, ai, ai, aterrisagem forçada, Nira!

(Riso f geral, palmas, Ado volta para o seu lugar. Lila esconde na sua mão outra prenda, aproxima-se de Zina.)

LILA - Que fará o...

NENO - (Interrompe-a) Eu! Eu tenho uma idéia fenomenal!

LILA - Não! Eu quero perguntar a Zina!

NENO - Eu quero que você pergunte a mim, Lila!

(Cria-se uma tensão estranha.)

ZINA - Se você tanto insiste, Nenoz..

NENO - Sim!

ZINA - Eu desisto, então.

(Todos ficam sérios de repente. De agora em diante tudo se desenvolverá em grande lentidão como num cerimonial antigo. Lila aproxima-se de Nena de má vontade enquanto tenta trocar a prenda de sua mão por outra. Nena descobre.)

NENO - Não, não, não, nada disso, Lila. Nada de golpes baixos. O que tem que ser feito - será feito, como, sempre...

LILA - (Cantando.) Que fará o dono desta prenda?

Depressa, faça a encomenda!

MENO - (Sem hesitar) Fará uma declaração de amor, a você, Lila. Aqui, frente a não todos!

(Silêncio geral. Lila dirige-se lentamente a mim, estendendo sua mão e descobre a minha prenda.)

LILÁ - Você, Eu!

(O silêncio continua. Ciran uma pequena arena. Lila senta-se numa cadeira, no centro. Eu aproxima-se dela, embaraçado e preocupado com o silencio tenso. Todos olhas para mim.)

EU - Não sei como começar...

LILÁ - Do começo, senhor don Juan.

EU - Do começo? Lógico... (Eu sorrio) Bem! Senhorita... Se bem que eu não esteja convencido que isto será uma surpresa para você... gostaria que soubesse, senhorita...

MENO - (Grosseiramente.) Chama-a pelo nome,tão simples... O nome que você deu a ela...

EU - Obrigado. Sim, eu a chamarei pelo nome... lógico... Gostaria que soubesse, Lil...

(Fixo-me na letra l e não consigo continuar. Todos me olhas, curiosamente, em silêncio, esterrecidos frente à minha boca que abre e fecha como se fora um peixe no ar livre. A letra l rola e ecoa pelas paredes imaginárias, o ar se eletrifica até que não podem mais conter-se: o riso desencadeia como uma trovoada. E mesmo Lila não pode mais conter-se frente à minha triste figura.)

ZINA - Don João Tenório, isto aqui não é circo!

ADO - Ele está me matando, simplesmente me a matando!

(Todos agora imitam o abrir e fechar de minha boca, rindo.)

MENO - Ele é gago, simplesmente gago!

EU - (Encarando Lila, tentando manter a calma.) Ama-a, senhorita...

MENO - QUAL é o nome dela? Não ouviste, QUAL É O NOME DELA?